



ISSN: 0975-833X

Available online at <http://www.journalcra.com>

INTERNATIONAL JOURNAL  
OF CURRENT RESEARCH

International Journal of Current Research  
Vol. 13, Issue, 11, pp.19481-19488, November, 2021

DOI: <https://doi.org/10.24941/ijcr.42423.11.2021>

## RESEARCH ARTICLE

# A BATALHA DE GUAXENDUBA NO MARANHÃO

<sup>1</sup>Maria de Nazaré Santos Melo, <sup>2</sup>Maysa Leite Serra dos Santos and <sup>3</sup>Naysa Christine Serra Silva

<sup>1</sup>Professora da SEMED – Santa Rita/Ma. Graduada em História- UEMA, Especialista em História do Brasil, Afrodescendentes e Indígena- FAEME

<sup>2</sup>Mestra em História, Ensino e Narrativas – UEMA, Professora substituta do Curso de Artes Visuais – UFMA. Professora de Arte – SEMED- Paço do Lumiar/Ma. Especialista em Docência do Ensino Superior - FAMA. Graduada em Educação Artística – UFMA e Pedagogia – UNINTER

<sup>3</sup>Mestra em Cultura e Sociedade – UFMA, Professora Substituta do Curso de Pedagogia – UEMA. Professora Bolsista do Curso de Letras Português EAD – UFMA. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – IESF e Educação Especial/Inclusiva – UEMA, Graduada em Letras LP/LI – UNICEUMA, Serviço Social – UFMA, Pedagogia – UNINTER e Letras Libras – UFMA

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 14<sup>th</sup> August, 2021  
Received in revised form  
19<sup>th</sup> September, 2021  
Accepted 10<sup>th</sup> October, 2021  
Published online 24<sup>th</sup> November, 2021

#### Key Words:

Jerônimo de Albuquerque,  
Daniel de La Touche,  
Batalha.

### ABSTRACT

O presente artigo aborda o tema A Batalha de Guaxenduba ocorrida no Maranhão em 1614, precisamente onde localiza-se a cidade de Icatu e que envolveu a expulsão dos franceses do Brasil pelos portugueses. Grandes nomes envolveram-se na batalha, destacando Jerônimo de Albuquerque Daniel de *La Touche* agregando valor histórico e cultural no território maranhense. O final da batalha garantiu a vitória dos portugueses que depois de não cumprirem o acordo de paz estabelecido entre os dois lados iniciaram o ataque sem baixar a guarda. Daniel de *La Touche* foi preso e levado para Pernambuco conseguindo o perdão do Governador-Geral, porém decidiu questionar o valor da pensão e foi preso em Portugal.

\*Corresponding author:  
Mrs. Hiramoni Barman

Copyright © 2021. Maria de Nazaré Santos Melo et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Maria de Nazaré Santos Melo, Maysa Leite Serra dos Santos and Naysa Christine Serra Silva. "A batalha de guaxenduba no maranhão", 2021. International Journal of Current Research, 13, (11), 19481-19488.

## INTRODUCTION

A Batalha da Guaxenduba ocorreu no Maranhão em 19 de novembro de 1614, onde localiza-se atualmente a cidade de Icatu. A disputa entre portugueses e franceses pelas terras maranhenses ocasionou a vitória lusa depois de um confronto armado. Precisamente a presença dos franceses em território maranhense está vinculada antes das Capitânicas Hereditárias, sendo que os mesmos visitaram o litoral no final do século XVI. Quando o Rei Henrique IV ordenou que Daniel de *La Touche* averiguar-se as terras maranhenses com intuito de investigar as riquezas ali presentes, já havia a intensão de invadir a conquista portuguesa.

Como perceberam a importância dos índios para aquela localidade, os primeiros navegadores franceses (*Voux e Riffault*) aprenderam a linguagem e costume dos Tupinambás, de modo a ganhar confiança destes e conseguirem estabelecer-se no local. Assim que a expedição francesa desembarcou no Maranhão fundaram o Forte de *Saint Louis* (São Luís) na capital e deslocando-se para o norte desembarcando em Guaxendubá (local denominado pelos índios). Nesse período os portugueses já haviam descoberto tal invasão e decidiram resolver o problema rapidamente sobre as ordens de Felipe III. O Rei escreveu uma carta ao Governador do Brasil na época Gaspar Sousa ressaltando que algo deveria ser realizado para resolver o mais novo problema.

A família Albuquerque tornou-se primordial na batalha pelas terras maranhenses, sendo Jerônimo Albuquerque e Diogo de Campos os responsáveis por comandarem a expedição a qual expulsaria os franceses. Ambas as tropas construíram Fortes opostos na praia da cidade onde localiza-se Icatu. As tropas francesas continham mais de 200 soldados, além de 2.500 índios, 50 canoas e 10 navios, enquanto os portugueses continham 240 soldados e 100 indígenas que entraram em combate mediante a um ataque surpresa dos franceses na madrugada do dia 11 de novembro. O primeiro ataque francês abriu portas para um conflito armado onde os franceses construíram sete trincheiras que serviam de defesa e os portugueses incendiaram todas as canoas do inimigo, obrigando os índios e o lado francês fugirem. Houve um acordo de paz após o primeiro conflito da batalha de Guaxenduba, porém a presença de Alexandre de Moura reacendeu o conflito em que *La Touche* rendeu-se finalizando assim a vitória portuguesa e expulsando os franceses do Maranhão. A prisão do “senhor de *La Ravardière*” (Daniel de *La Touche*) gerou expectativas em Gaspar de Sousa (Governador do Brasil na época), o qual aguardava em Pernambuco para uma entrevista que resultou em um perdão concedido pela autoridade suprema.

### A BATALHA DE GUAXENDUBA NO MARANHÃO

Os anos que precederam o governo de Felipe III entre o período de 1614 a 1616 houve diversas mobilizações militares que envolviam interesses de soldados indígenas, portugueses e espanhóis na conquista de um novo território a qual denominaria o Estado do Maranhão. Na manhã do dia 23 de agosto de 1614 partiu de Recife uma expedição com intuito de estabelecer e dominar a região do Maranhão pertencente aos domínios portugueses. Por ser uma região de Portugal, o povo luso celebrava antecipadamente a vitória, uma vez que a união entre Portugal e Castela garantiam segurança a inimigos europeus como franceses, holandeses e ingleses (ALENCASTRO, 2000).



Fonte: Casadualdebraganca (2015).

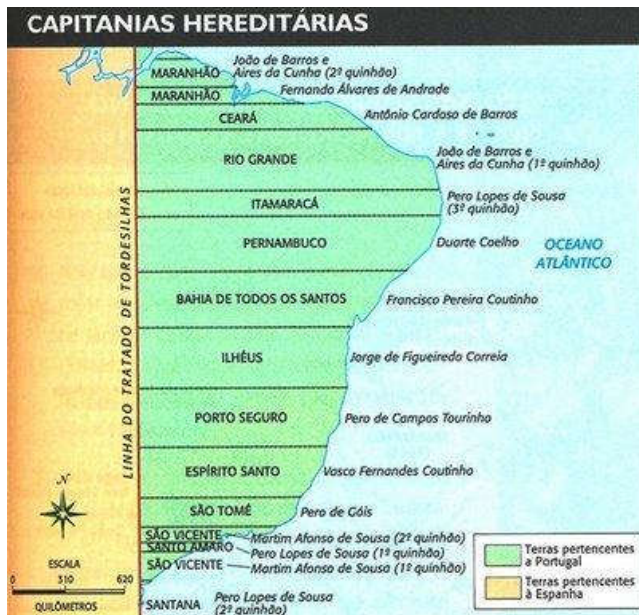
Figura 1. Felipe III

A vitória festejada pelos portugueses antes do tempo não impediu que o Maranhão sofresse invasão provinda de franceses em uma missão militar financiada pela Coroa espanhola, o qual possuía também interesses na terra próxima do Atlântico. Essa região do Atlântico era conhecida pelos portugueses como Atlântico Equatorial por apresenta-se como a última fronteira existente entre a América Portuguesa e as Índias Castelhana, atraindo diversos curiosos europeus por especularem grandes e possíveis riquezas existentes na terra (CAETANO, 1969).

A tópicos do perigo da invasão estrangeira tinha o poder de convencimento apropriado para um e outro alvo. O estrangeiro era duplamente agressor, pois conspirava contra a Fazenda real e, ao mesmo tempo, contra o espaço que era legitimamente reservado aos missionários, servos de Deus e vassallos de seu filho ungido: o rei de Portugal (CARDOSO, 2002, p.30).

O atual estado do Maranhão pertenceu ao antigo sistema implementado pelos portugueses denominado Capitania Hereditária em 1534. O primeiro proprietário da localidade foi Fernando Álvares de Andrade, que conseguiu comprar a extensão territorial com 75 léguas de costa prevalecendo do cabo de Todos os Santos até a foz do Rio da Cruz, passando por uma pequena parte do Pará e um pedaço da Ilha de Marajó. Os três últimos proprietários da Capitania Hereditária (João de Barros, Aires da Cunha e Fernando Álvares de Andrade), optaram por organizar uma expedição colonizadora a nova terra com intuito de explorar os recursos existentes e fixar morada em 1535. Fundaram a povoação de Nazaré, mesmo enfrentando problemas com os indígenas (moradores locais) (GINZBURG, 2002). Nessa época o Brasil estava dividido em Capitania tornando-se comum a venda destas a pessoas que desejassem produzir e desenvolver o pedaço de terra, sendo que parte do lucro deveria ser compartilhada com Portugal, dessa forma a Corte portuguesa lucraria tanto com a renda como pela produção estabelecida na propriedade. Uma das primeiras atividades a ser desenvolvida nessas Capitania era a extração do pau-brasil, uma árvore tipicamente brasileira e considerada como “ouro” pelo seu alto valor comercial, principalmente em negociação com as Índias (CAPISTRANO, 1989). O Brasil, em especial o Estado do Maranhão possui em seu contexto histórico social a formação de sua identidade baseada em diversas invasões europeias, cujo principal objetivo era explorar os recursos existentes, porém os portugueses conseguiram expulsar os invasores, garantindo que suas terras estivessem asseguradas e dispostas somente a Corte portuguesa (BUENO, 2006).

Existia constantes conflitos entre os indígenas e os moradores da povoação de Nazaré juntamente com os três últimos proprietários da Capitania pelo controle da região, uma vez que, os índios já habitavam determinadas localidades antes da chegada dos portugueses, sendo que em 1538 desistiram da Capitania. Em 1554 ainda havia dois lotes de terra que os colonizadores e “donos” da região tentaram aproveitar para a realização de suas atividades sob o comando de Luís Melo, porém a visita dos franceses era algo comum, obrigando a Coroa Portuguesa a empreender em sua nova propriedade. Cada proprietário poderia conduzir seu empreendimento da melhor forma possível, criando regras e formas de economia, desde que, os lucros obtivessem divisão com a Coroa (FARIA, 2001).



Fonte: Estudo Prático (2013).

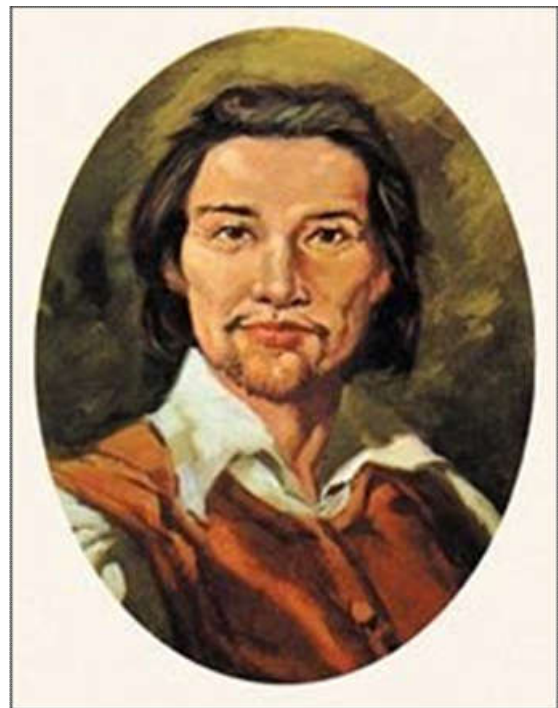
**Figura 2. Capitânicas Hereditárias**

Quando algumas pessoas que [no Brasil] forem moradores vierem para estes Reinos e trouxerem para eles mercadorias, pedirão certidões ao Provedor da Capitania donde partirem de como assim lá são moradores, para gozarem da liberdade que pelo dito Foral é concedida, e o dito Provedor lhes dará a dita certidão feita pelo Escrivão da dita Alfândega e assinada por ele dito Provedor (...) (MELLO E ALBUQUERQUE, 1967, p. 11).

O Maranhão passou a ser denominado de diversas formas como ‘terra do rio das Amazonas’, ‘terra dos tupinambás’ (índios que habitavam a região antes da chegada dos portugueses e demais europeus) ou mesmo ‘terra dos caraíbas’. O novo território despertou o interesse de outras nações, tanto por visualizarem riquezas e pelo encantamento das novas terras. Os franceses costumavam visitar a Capitania com intuito de observarem o local com mais calma, afim de implantarem a cultura francesa por meio da colonização. “Os trabalhos estatísticos, o papel do imigrante na economia e na sociedade brasileiras, a rivalidade entre nacionais e lusos e a imagem recíproca” (LOBO, 2001, p. 12).

[...] época dos descobrimentos, da colonização e da independência, quando o português desempenhava papel hegemônico no Brasil, provendo os quadros intelectuais, administrativos, religiosos e militares, quase monopolizando a propriedade da terra, controlando o comércio e o artesanato (LOBO, 2001, p. 11).

No ano de 1555, o território brasileiro “pertencia” ao Império português devido a descoberta do que antes acreditava-se ser as Índias, porém outros povos começaram a possuir interesse na localidade pertencente a Portugal, como franceses, espanhóis e holandeses. Diante desse interesse os franceses tentaram no mesmo ano estabelecer uma colônia no atual estado do Rio de Janeiro, mas a missão não foi bem sucedida. Em 1612 um novo grupo de franceses em conjunto com os índios locais tentaram estabelecer uma nova colônia da região do Maranhão, sendo este o local escolhido para o primeiro domínio (CAPELA, 1882).



Fonte: Históriae Genealogia (2009).

**Figura 3. Jerônimo de Albuquerque**

Tinham o objetivo patente de localizar novas rotas comerciais, de abrir e cartografar novas rotas para o comércio com as colônias, de palmilhar territórios desconhecidos, de revelá-los por meio da ciência, em seus recursos e riquezas (FERREIRA, 2006, p. 274-275).

Em 8 de setembro de 1612 os franceses fundaram a povoação de *Saint Louis*, iniciando também o Forte de São Luís (construído entre o rio Anil e o rio Bacanga) em frente a um morro onde hoje localiza-se o Palácio dos Leões. Os portugueses tomaram conhecimento sobre a invasão francesa ao norte de seu território e resolveram agir mediante as circunstâncias da invasão. Um dos primeiros atos realizado pelo administrador português e responsável pela conquista do Maranhão em relação aos franceses, Gaspar de Souza foi o envio de tropas providas de Pernambuco, Paraíba, Bahia e Ceará que juntaram-se a grande quantidade de indígenas comandados pelo capitão Jerônimo de Albuquerque para ataque aos franceses. “Logo que o General Alexandre de Moura saiu da baía do Maranhão, aplicou Jerônimo de Albuquerque o principal cuidado à útil fundação de uma cidade naquele mesmo sítio [...]” (BERREDO, 1748, P. 16).

Duas classes de prejuízos sofria o comércio português por parte dos franceses: dos mercadores franceses, que organizavam expedições para vir buscar na terra de Santa Cruz a madeira tintorial e outros produtos baseados na escusa de que havia liberdade nos mares e que não era vedado aos súditos franceses o comércio com as colônias portuguesas ou com as terras virgens da América [...] (SIMONSEN, 1937, p. 88).

Diante da situação que se ocorria ao norte da capitania Maranhense o militar português Diogo de Campos Moreno foi convocado para a batalha juntando-se a Gaspar Souza e Jerônimo de Albuquerque. Trouxe consigo cerca de 300 homens dispostos a enfrentar os franceses. A expedição liderada por Jerônimo de Albuquerque chegou na barra do rio



Perejá com cerca de 500 homens, onde buscaram um local para fixar um Forte, porém as péssimas condições da água e dificuldade para encontrar alimentos tornaram-se um obstáculo inicial. Nesse meio tempo um grupo de 14 exploradores portugueses encontra um local apropriado para a construção do forte a expedição retoma em 2 de outubro de 1614 (COUTINHO, 2004). No dia 26 de outubro a expedição chega a um local conhecido pelos indígenas como Guaxindubá, localizada sob a margem direita da Baía de São José, uma região cheia de ilhas e canais abertos. O novo local serviu para a construção de uma fortificação hexagonal de nome Santa Maria, planejada pelo engenheiro Francisco Frias de Mesquita. O forte localizava-se cerca de 20 km da atual cidade de Icatu, diante do Forte francês São José de Itapari, localizado em São José de Ribamar. As explorações e reconhecimento da região começaram a ser realizada pelos portugueses que uma hora diziam que a cidade estava cheia de franceses outra hora diziam que os mesmos haviam saído da região (LISBOA, 1901).

Jerônimo de Albuquerque, inteiramente senhor de suas ações e livre dos cuidados inerentes à guerra, aplicou-se à fundação da cidade, hoje de São Luís, como lhe fora recomendado pela Corte de Madrid. Dentro de pouco tempo por seu zelo e atividade pôde adiantar tanto a povoação “que reduzida a regular forma de república, na frase de Berredo, debaixo da proteção soberana de Maria Santíssima com o augusto título de Vitória, que já lhe tinha decretado no feliz lugar de Guaxenduba, lhe declarou à invocação de São Luís (MARQUES, 1970: 445).

Após alguns dias na ilha em 30 de outubro um grupo de indígenas que habitavam na ilha mataram 4 índias e 1 índio que andavam com os portugueses, criando um sentimento de desconfiança por parte destes, pois, acreditavam que os franceses haviam enviado os indígenas para espionar os navios portugueses. Nos últimos dia do mês de outubro os portugueses observavam sob o forte de Santa Maria, na ilha de Santana diversos desembarques de peças de artilharia descendo dos navios franceses que chegavam (MEIRELES, 1962).

A primazia nas letras, conquistada para este recanto das terras brasileiras, pelos maiores vultos da literatura nacional, si empalidece e obumbra-se, n’este último quartel do século, parecendo viver apenas das recordações e da fama d’aqueles que sublimaram suas épocas e o transcurso da fulgurosa existência, nem por isso extinguiu-se e apagou de vez: como todos os fenômenos da natureza, tem o entendimento os seus brilhos e os seus estádios de repouso e descanso. (LEAL, In. AMARAL, 1896).

Em 1621 a Capitania sofreu alteração de título tornando-se conhecida como Estado do Maranhão, sendo uma administração independente do restante do território brasileiro, liderado por Felipe III de Espanha com intuito de promover o desenvolvimento da região e obter recursos da terra. Sob o novo comando o Estado uniu-se a região do Grão-Pará permanecendo São Luís como capital. Anova extensão territorial permitia que as terras estivessem ainda mais cobiçadas pelos europeus, abrindo os olhos de Portugal em relação a construção de novas defesas. (MORENO, 2002). Antes da invasão francesa no território maranhense, os mesmos detinham do conhecimento sobre a nova terra através de um navegador que explorou o norte da Capitania de Pernambuco chamado Charles de *Voux*. Esse explorador esteve

em contato com o Estado do Maranhão durante sua passagem pelo Nordeste, estabelecendo contato com os nativos tupinambás que habitavam a região, porém não estava sozinho sendo de conhecimento de Jacques *Riffault* sobre as terras portuguesas avistadas ao norte das Américas. Ambos dominavam a língua e costumes dos indígenas Tupinambás presentes no Maranhão (RAMOS, 1993). *Riffault* retornou ao seu país para informar sobre as boas notícias aos seus governantes, deixando *Voux* com os indígenas, sendo apelidado por este como Itajiba (braço de ferro) por possuir qualidades dignas de um guerreiro hábil. *Voux* usou do bom tempo que esteve presente com os indígenas para aprimorar seus conhecimentos e aprender uma nova língua e costume, disponibilizando dessa maneira novos recursos para aprimorar e desenvolver a confiança com os índios e desbravar o território. Como *Riffault* demorara em sua missão para informar ao Rei sobre as riquezas descobertas propôs-se a retornar a França com intuito de anunciar a boa nova (SANTOS, 2001). O Rei Henrique IV ciente de toda a situação ordenou a Daniel de *La Touche* averiguar se tais informações eram verdadeiras. Foi a primeira vez que *La Touche* conhecia as terras maranhenses, encantando-se rapidamente pelas riquezas. Ao retomar a França encontrou o Rei Henrique IV assassinado por *Riffault* e Maria de *Médice* governando o país enquanto o filho não atingia a maior idade. O assassinado do Rei não impediu que as tropas francesas estivessem dispostas a conquistar o Maranhão nem tão pouco a lutar por ela, pois, apesar do “desequilíbrio” inicial em relação a morte do Rei, o plano de navegação para o Atlântico era considerado válido. (SILVEIRA, 2011). As conduções presentes para a exploração estabeleceram que o general renomeado para tamanha missão (Daniel de *La Touche*) obtive de todo apoio possível, como também mantimentos e instrumentos que possibilitasse a viagem e recursos de sobrevivência, pois, haveria nas embarcações uma grande quantidade de soldados. Por ser um navegador experiente disponha de toda informação possível para a realização da viagem marítima (SALVADOR, 1982).



Busto de Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, o fundador de São Luís

Fonte: Blog Renato Czar (2017).

Figura 4. Daniel de La Touche

Maria de *Médice* governava a França durante a menoridade de seu filho, estabelecendo práticas católicas aos habitantes. Forneceu todo apoio possível para a nova missão, sendo que a expedição saiu do porto de *Cancale* em Bretanha no mês de março de 1612, fazendo a primeira parada na ilha de Fernando de Noronha e em seguida na Capitania do Ceará. A armada contava com cerca de 500 homens chegando no Maranhão em julho de 1612 (ELIAS FILHO, 1984). O projeto francês considerado “secreto” não pôde configura-se assim por muito tempo, pois, o Rei Felipe III que também governava Portugal, soube da tamanha façanha dos vizinhos franceses em invadir o território português. No final de 1612 após recolher diversas informações repassou instruções precisas para o Governador do Brasil na época, Gaspar Sousa. O Rei escreveu uma carta régia em 9 de outubro ressaltando a rápida solução para resolver os problemas com os visitantes franceses iniciando uma conquista especial da família Albuquerque Coelho (SALVADOR, 1982).

Este ato, que, pela magnificência e excepcional solenidade de que se revestiu, é considerado como o verdadeiro – auto da fundação da cidade –, foi, sucessivamente, sendo seguido de outros, complementares... (AMARAL, 1912, p.27).

O projeto francês obteve um financiamento baseado em um capital particular trazendo nos navios nomes renomados como Almirante *François de Razzily*, o religioso *Capuchinhos*, *Claude d’ Abbeville* e *Yves d’ Evreux* e uma vantagem peculiar: o bom relacionamento com os indígenas para que, as novas terras pudessem ser conquistadas (CARDOSO, 2012).

Os portugueses detinham consciência da expedição francesa no Maranhão como também os franceses possuíam conhecimento sobre as tropas portuguesas dispostas a expulsá-lo da região. No dia 10 de novembro de 1614, após um atendimento entre o sargento-Mor Diogo de Campos e Jeronimo de Albuquerque, um grupo de marinheiros armados sob as ordens do sargento iniciaram uma defesa as embarcações que estavam ancoradas ou encalhadas no estuário. Na madrugada do dia 11 de novembro, os franceses liderados por Monsieur e François armam um ataque silencioso aos militares portugueses que quando percebem a invasão alertam os soldados que estavam no forte que imediatamente iniciaram a artilharia sem cessar até que os invasores abandonam o local, porém conseguem capturar três embarcações portuguesa (DAHER, 2007). Em meio a desentendimentos e confrontos entre ambas as tropas, a força lusitana possuía cerca de 240 soldados e 100 nativos (índios) enquanto os franceses possuíam 200 soldados, 2.500 nativos, 50 canoas e 10 navios para combate. Após o primeiro ataque francês na manhã do dia 19 de novembro de 1614, os portugueses acordaram surpreendidos com diversas embarcações francesas ao redor do Forte Santa Maria e outras que aproximavam-se pela costa. Diogo de Campos em uma tentativa de ataque dirigiu-se a praia com cerca de 80 soldados, porém percebeu que o número de inimigos era maior do que esperava, retrocedendo ao ataque, o que não impediu de haver diversos combates na praia (FIGUEIRA, 1940). Os franceses possuíam armas pesadas como colete de aço, espadas e mosquetes prontos para o disparo. *La Touche* estava no mar observando o movimento com a presença de mais de 200 soldados sob o comando de *François Rassilly*, sendo iniciada troca de tiros com perda de ambos os lados (1 soldado português e dois franceses mortos). Apesar do confronto deixar perdas no lado português e francês, *La Touche* não desistiu com facilidade, pois, havia uma reputação a zelar. O Governo

francês garantiu todas as suas expectativas sob o comandante, uma vez que era um homem de confiança do Rei e consequentemente o novo Governo francês desejava bons resultados com essa ocupação (FORNEROD, 2001).



Fonte: Edwilsonarajujo (2019).

**Figura 5. Praia onde ocorreu a Batalha de Guaxenduba na atual cidade de Icatu**

Daniel de *La Touche* era um militar conhecido das batalhas, sabendo aproveitar as oportunidades que lhe apareciam mediante as diversas realidades provenientes dos portugueses entre Pernambuco e Bahia. *La Touche* de alguma forma sabia da rivalidade existente entre Albuquerque e Castelo Branco, provocando o antagonismo entre ambos. *La Touche* também irritou o comandante Alexandre Moura que por muitos momentos criou uma má impressão sobre o mesmo (KANTOR, 2007). O general francês percebeu uma pequena falha nas tropas portuguesas: a dispersão hierárquica conseguindo ganhar tempo e proveito da situação por apresenta-se astuto e observador. A chegada de novas ordens por Alexandre de Moura agravou a situação da dispersão, favorecendo a futura negociação de paz entre Jerônimo e *La Touche*. O lado luso-espanhol acarretava um certo sentimento de cautela, pois, as informações conseguidas sobre o general francês afirmavam que o mesmo era um grande especialista em navegação maranhense, conhecendo os roteiros, índios, animais e riquezas da Terra (LACROIX, 2002). Enquanto ao confronto e a morte de soldados tanto do lado português quanto francês, diante do Forte de Santa Maria havia um outeiro de distância aproximada de um tiro pertencente a uma arma de artilharia naval chamada falcão, cujo limitava-se ao norte pelo mar e ao sul por rio responsável por abastecer os portugueses. Sendo de conhecimento do lado francês, os soldados resolveram desembarcar pelo mar e sob as ordens de *Monsieur de La Fos-Benart*, cerca de uns 400 tupinambás construíram sete trincheiras que fortificaram o local tornando as canoas que por ali desembarcassem quase ocultas (LIMA, RIGM, 1993). Os franceses por obterem um maior número de soldados, indígenas, armas, embarcações e conhecimentos sobre a região, construíram uma “fortaleza” que consideraram indestrutível, já que, seu principal líder *La Touche* era um homem conhecido e de certa forma “temido” por ser um navegador experiente e observador, conquistando seus objetivos. Apesar dos tributos a tropa francesa não imaginou que Jerônimo pudessem atacá-los devido as trincheiras, porém este descobriu um caminho secreto para o Forte dos franceses e com a presença de 75 soldados e 80 arqueiros escalou o morro as escondidas enquanto Diogo atacava os índios e as embarcações que chegavam pelo mar (LISBOA, 1901). Nesse meio tempo ocorreu um pequeno equívoco ou tentativa de

ganhar mais tempo na batalha pelos franceses, que enviaram por mar e saltando de uma canoa um mensageiro que carregava um brasão e armas reais representando a França, na qual dispunha uma carta “ameaçando” os portugueses caso estes não se rendessem em até quatro horas, porém, Diogo e Campos percebeu a armadilha. No outro lado do campo de batalha Jeronimo de Albuquerque já havia escalado a primeira trincheira, onde trocou tiros com índios que defendiam o lado francês (LEAL, 1874). No mar, Daniel de *La Touche* observava que o exército francês sofria severas derrotas e consequentemente a diminuição de seus homens e em uma tentativa de fuga ordenou que os navios mais velozes chegassem mais próximo da praia, sendo que foi forçado a desistir devido o bombardeio português e a dominação do outeiro fortificado. As ordens de Diogo de Campos foi de atar fogos em todas as embarcações que estavam ancoradas na base do morro, impedindo que os franceses contra atacassem (SANTOS, 2001). O cenário de terror presente na praia obrigou os franceses a fugir para o topo do outeiro a fim de encontrar abrigo e conseguir salvar suas vidas, inclusive os soldados portugueses insistiam em batalhar com alguns inimigos que permaneciam dispostos a enfrenta-los. O interprete dos índios conhecido como Turco e *Monsieur de La FosBenart* (líder indígena do lado francês) foram baleados o que causou um grande alvoroço entre os indígenas que logo fugiram, descendo do outeiro e buscando esconde-se entre os soldados franceses que não possuíam mais pólvora. Após esse episódio os franceses sobreviventes do conflito recolheram-se no Forte *Saint Louis* e propuseram um acordo de trégua entre ambos com intuito de cada representante de nação retornar ao país de origem, comunicar suas Cortes e buscar uma solução para o conflito (ABBEVILLE, 1945).

O anuncio do cessar fogo permitiu que franceses e portugueses vivessem em paz por um período de tempo, mas quando Alexandre de Moura, capitão-mor chega no Maranhão em 1615 trazendo mantimentos e reforços militares, assumiu o comando geral da tropa portuguesa quebrando o acordo e atacando o lado francês, além de intimar *La Touche* a abandonar as terras maranhenses em um período de até cinco meses, prometendo recompensa-lo. Como forma de cumprir sua palavra, *La Touche* entregou o Forte de Itapari e em três meses Diogo de Campos e Martins Soares retornaram ao Maranhão com reforços e ordens superiores para retirar definitivamente os franceses da região (MACEDO, 2001).

Em 1 de novembro de 1615, Alexandre de Moura determinou que todo o Forte de São Luís fosse cercado, desembarcando toda a sua tropa na ponta de São Francisco, desse modo estariam prontos para o ataque dos franceses dois dias após o cerco. Um dos motivos do ataque foi o descumprimento do reembolso prometido para os franceses pelos portugueses, pois, embarcaram os franceses em dois navios apenas com os itens indispensáveis para a sobrevivência. O grande Daniel de *La Touche* foi preso a força e enviado a Pernambuco para que não liderasse ou despertasse a ideia de combate com outros corsários franceses, sendo perdoado pelo Governador-Geral. Após um pedido a Coroa portuguesa para aumento de pensão foi preso em Lisboa por três anos na Torre de Belém (VALLE, 1937).



Fonte: LisboaNet (2020).

Figura 6. Torre de Belém em Portugal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Batalha de Guaxenduba representou ao Maranhão um marco histórico cultural em relação as invasões europeias que ocorriam no território. Dentro desse contexto portugueses e franceses enfrentaram-se em uma batalha épica pela disputa de um território localizado no litoral. Quando os franceses iniciaram suas visitas ao Maranhão notaram a presença dos recursos naturais como também de seus primeiros habitantes, os índios, os quais lhe forneceram respeito com intuito de estabelecer amizades e assim conseguir explorar melhor a terra. Esses índios entravam em constantes brigas com os portugueses logo depois do processo de descobrimento, porém havia aqueles indígenas do lado português, pois, estes forneciam bijuterias e outros objetos que agradavam os olhos dos Tupinambás. A Corte portuguesa possuía em seus aspectos um certo elo de segurança que para eles tornava-se garantia de que ninguém poderia invadir seus territórios, porém a invasão francesa demonstrou que a tal barreira criada por Portugal não era algo totalmente seguro, sendo que no Maranhão além dos franceses houve a presença de espanhóis e holandeses.

Quando Portugal decidiu estabelecer atividades comerciais providas no Maranhão, permaneceu a ação de que somente o povo luso poderia navegar pelas águas do Atlântico, porém outros povos também despertaram o interesse no território português. Os franceses já haviam realizado comunicação com os indígenas presentes nas terras maranhenses, sendo os primeiros a obterem comunicação com estes através de *Voux e Riffault*. Logo aprenderam a se comunicarem com os nativos o que proporcionou uma vantagem em relação aos portugueses. Conquistando a confiança e admiração dos índios conseguiram convence-los a segui-los para uma batalha futura no litoral. Houve uma primeira tentativa de colonização francesa no Rio de Janeiro, porém sem sucesso já que, as forças portuguesas impediram tal ação mediante a primeira expulsão dos invasores. A França não demonstrou fraqueza em realizar uma nova tentativa buscando recursos militares (soldados), e embarcações, além de uma presença forte e temida: o comandante *Daniel de La Touche*. Assim que desembarcaram no litoral fundaram o Forte São Luís, onde encontra-se o Palácio dos Leões, deixando a marca francesa no território. Esse ocorrido despertou a ira portuguesa que iniciou os preparativos para o contra-ataque, denominando Jerônimo de Albuquerque para a batalha. O conflito ocorrido no norte do litoral maranhense garantiu a vitória portuguesa em meio a troca de tiros, mortes, embarcações queimadas, acordo de paz e traição por parte dos portugueses, ocasionando a prisão de Daniel de *La Touche* e privilegiando a família Albuquerque. O líder francês foi preso por Alexandre de Moura e levado a Pernambuco onde o Governador-geral o aguardava para o julgamento, concedendo perdão para que, não ocorresse outro atrevimento de batalha ou ideia de conflito por parte de *La Touche* e corsários franceses.



Depois de um tempo o mesmo foi transferido para Lisboa onde pediu aumento de pensão estando preso na Torre de Belém por três anos. Resolvida a questão da expulsão dos franceses do território maranhense a grande problemática concentrou-se no que fazer com o general francês preso em Lisboa. Houve discussões e reuniões no Conselho de Portugal entre as três nações (Portugal, Espanha e França) sobre o processo de *La Touche*. O Governo espanhol estava sofrendo constantes pressões da França pela libertação do general, sendo que esse passava por uma rigorosa entrevista com o marquês de Alenquer conhecido como D. Diogo de Silva e Mendoza. O marquês notou que o general havia recolhido muitas informações do Maranhão e que poderia espalhar as boas novas com outras nações o que preocupava a libertação de Daniel *La Touche*. As informações finais sobre a libertação do general não estão claras em uma das poucas referências encontradas, sendo suas últimas notícias no ano de 1620

## REFERÊNCIAS

- ABBEVILLE, Claude d'. História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão, 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet, São Paulo, Livraria Martins, 1945.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- AMARAL, José Ribeiro do. Fundação do Maranhão, Maranhão, Typogravura Teixeira, 1912.
- ANDERSON TAVARES DE LYRA, Origem dos Albuquerque no Maranhão, disponível em: <http://www.historiaegenealogia.com/2009/08/origem-dos-albuquerque-maranhao.html>, acessado em 03/12/2020 às 21 hrs e 49 min.
- BERREDO, Bernardo Pereira de. Annaes Históricas, Florença, Typografia Barbera, 1905, vol 1.
- BUENO, EDUARDO. Capitães do Brasil – A saga dos primeiros colonizadores. 2.ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- CAETANO, Marcello. O conselho ultramarino. Rio de Janeiro: Sá Cavalcanti, 1969.
- CAPELA, Raimundo. Relatório. Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa. 3 série, n. 4, 1882.
- CAPISTRANO DE ABREU, João. Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil. Editora Itatiaia Limitada e Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.
- CARDOSO, Alirio e Rafael Chambouleyron. Fronteiras da Críandade: Relatos Jesuíticos no Maranhão e Grão-Pará (sec. XVII). Pp. 33-60. In. DEL PRIORE, Mary e Flávio Gomes. Os Senhores do Rio. São Paulo: Ed, Campos, 2005.
- CARDOSO, Alirio. Maranhão na Monarquia Hispânica: intercâmbios, guerra e navegação nas fronteiras das Índias de Castela (1580-1655). Salamanca: tese de doutorado (História) apresentada à Universidad de Salamanca, 2012.
- COUTINHO, M. A revolta de Bequimão. São Luís. Instituto Géia, 2004.
- DAHER, Andréa. O Brasil francês: as singularidades da França Equinocial, 1612- 1615. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- EDWILSON ARAUJO, Icatu: cidade palco da Batalha de Guaxenduba completa 405 anos, disponível em: <http://edwilsonaraujo.com/2019/10/25/icatu-cidade-palco-da-batalha-de-guaxenduba-completa-405-anos/>, acessado em 05/12/2020 às 16 hrs e 04 min;
- ELIAS FILHO, Joaquim. Descobrimento do Maranhão, RIHGM, vol.7, 1984, p. 37-39.
- FARIA, Regina Helena Martins de. A transformação do trabalho nos trópicos: propostas e realizações. Recife: Dissertação de mestrado em História defendida na Universidade Federal de Pernambuco, 2001.
- FERREIRA. L. M. Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos, v. 13. N. 2. P. 271-292, abr-jun 2006.
- FIGUEIRA, Luís. “Relação da missão do Maranhão [1608-1609?]”. In: LEITE, Serafim. Luiz Figueira, sua vida heróica e sua obra Literária. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940, pp. 131-32.
- FORNEROD, Nicolas. São Luis, surla France Équinoxiale. São Luis: Alliance Française/Academia Maranhense de Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlos. Relações de Poder: História, Retórica, Prova. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KANTOR, Iris. “Usos Diplomáticos da Ilha Brasil. Polêmicas cartográficas e historiográficas”. Vária História, vol. 23, nº 37 (Belo Horizonte, janeiro-junho, 2007): 70-80.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. A fundação Francesa de São Luís e seus mitos. 2ª edição. São Luis: Lythograf, 2002.
- LEAL, Antonio Henriques. Locubrações, Lisboa, Typografia Castro Irmão, 1874.
- LEAL, Pedro Nunes. O Estado do Maranhão. In. José Ribeiro do Amaral; 1896.
- LIMA, Olavo Correia. Duas Controvérsias Científicas. RIHGM, LXIII, n. 16, abril, 1993, p. 77- 88.
- LISBOA, João Francisco. Apontamentos para a História do Maranhão, Lisboa, Editores Luís Carlos Pereira de Castro e Henriques Leal, 1901.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Imigração Portuguesa no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2001.
- MACEDO, Eurico Teles de. O Maranhão e suas riquezas, São Paulo, Editora Siciliano, 2001.
- MARCOS JÚNIOR, SISTEMA DE CAPITANIAS HEREDITÁRIAS DO BRASIL, disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/sistema-de-capitanias-hereditarias-do-brasil/>, acessado em 03/12/2020 às 21 hrs e 41 min.
- MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão, Rio de Janeiro, Fon-Fon/Seleta, 1970.
- MEIRELES, Mário Martins. França Equinocial, São Luís, Tipografia São José, 1962.
- MELLO, J. A. G.; ALBUQUERQUE, C. X. Cartas de Duarte Coelho a El Rei. Documentos para a história do Nordeste. Imprensa Universitária, 1967. v. 2.
- MORENO, Diogo de Campos. Jornada do Maranhão, São Paulo, Editora Siciliano, 2002.
- O filho do Demônio: Felipe III, o Piedoso, disponível em: <https://casadualdebraganca.wordpress.com/2015/11/17/o-filho-do-demonio-felipe-iii-o-piedoso/>, acessado em 05/12/2020 às 11 hrs e 20 min;
- RAMOS, Clóvis Pereira. Japiaçu – o principal da Ilha – amigo dos franceses, RIHGM, LXIII, n. 16, abril, 1993, p. 60-67.
- RENATOCZAR, O Império da História, disponível em: <http://professorrenatoczar.blogspot.com/2017/10/historia-do-maranhao-para-concurso-da.html>, acessado em

- 05/12/2020 às 12 hrs e 21 min; O MARANHÃO PARA CONCURSO DA SANTOS, Paulo F. Formação de Cidades no Brasil Colonial, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.
- SALVADOR. História do Brasil. São Paulo, EDUSP. 1982.
- SILVEIRA, Simão Estácio da. Relação Sumária das Cousas do Maranhão, São Paulo, Editora Siciliano, 2001.
- SIMONSEN, R. C. História econômica do Brasil 1500-1820. São Paulo-Rio de Janeiro-Recife, Companhia Editora Nacional, 1937.
- Torre de Belém, disponível em: <https://www.lisboa.net/torre-belem>, acessado em 07/12/2020 às 21 hrs e 47 min;
- VALLE, José Ribeiro de Sá. Antologia Maranhense, Maranhão, Ramos D'Almeida & Cia, 1937.

\*\*\*\*\*